

EDUCAR PARA O ENCONTRO COM O OUTRO

Edmilson Pinto Albuquerque (Doutorando)

Sebastião Jacinto dos Santos (Graduando)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Base corporeidade e educação

RESUMO

A educação deve acontecer em sua totalidade, visando uma aprendizagem do ser para a descoberta do mundo e as relações interpessoais. Buscando corresponder a tais conceitos desenvolvemos saberes para a educação do encontro com o outro. Tal educação está relacionada com o pensar, sentir, e agir, que nos dimensionam como pessoas. A primeira liberdade é a de permiti-se sentir e, partindo dela, galgamos as outras, ou seja, sentir-se livre para pensar e agir. Sentir é o mais profundo e próximo ao si mesmo, qualquer distúrbio nessa área acarretará outros no pensar e agir.

ABSTRACT

The education must happen in its totality, aiming at an interpersonal learning of the being for the discovery of the world and relations. Searching to correspond to such concepts we develop to know for the education of the meeting with the other. Such education is related with thinking, feeling, and to act, that in they dimensionam them as people. The first freedom is of was allowed to feel e, leaving of it, we arrive the others, or either, to feel itself exempts to think and to act. To feel is deepest and next to itself exactly, any riot in this area will cause others thinking and to act.

RESUMEN:

La educación debe suceder en su totalidad, teniendo como objetivo aprender interpersonal del est para el descubrimiento del mundo y de las relaciones. El buscar a corresponder a tales conceptos nos convertimos para saber para la educación de la reunión con la otra. Tal educación se relaciona con el pensamiento, sintiéndose, y con el acto, que adentro ellos dimensionam ellos como gente. La primera libertad está de fue permitida para sentir e, el irse de ella, galgamos los otros, es decir, para sentirse exime para pensar y para actuar. Sentirse es la más profunda y al lado de sí mismo exactamente, cualquier alboroto en esta área causará otras que piensan y actuará.

Para nós a Educação pode e deve possibilitar, no plano individual, a capacidade de compreensão das relações do homem com a natureza, a cultura e a sociedade. Na educação transpessoal preparamos o educando para a paz em três dimensões: paz interior, paz social e paz planetária, ou para usar a terminologia do psicólogo transpessoal Pierre Weil e da chamada abordagem holística da educação a nova pedagogia para a paz realizar-se em três níveis: a busca ecológica interior, a busca da ecologia social e da ecologia planetária que trabalha o educando como um ser global.

A educação é colocada, por um lado, como chave para o encaminhamento de muitos problemas que enfrentamos; por outro, ela ainda está por ser descoberta, ou melhor, na assertiva de Delors, é preciso encontrar-se seu verdadeiro significado real, o seu verdadeiro conteúdo e a forma mais adequada de realizá-la, garantindo assim a sua contribuição efetiva para o desenvolvimento, concebido agora em suas múltiplas dimensões (NEIRA, 2006, p. 163).

O verdadeiro significado da educação se assentaria sobre os conhecimentos acumulados por diversas culturas e tradições, pois a síntese de saberes diferentes contribuirá para a dissolução do preconceito e da intolerância, trazendo um novo entendimento entre as pessoas. Sua assimilação seria através de práticas corporais de autoconhecimento assentadas na discussão integrada, buscando simultaneamente a saúde do corpo, mente e espírito, despertando para a manutenção de valores humanos, o despertar e a orientação produtiva da inspiração e da criatividade. Nesse sentido, comungamos com Nóbrega (2005, p. 53) quando escreve, “talvez tenhamos que ‘desaprender’ essa ‘cultura do movimento’ centrada no corpo-instrumento/corpo-objeto e aprendermos uma nova resgatando a linguagem sensível.”

Prosseguimos com Nóbrega (2005, p. 52), “é preciso ampliar o conceito de aprendizagem, ultrapassar as couraças do racionalismo e incluir a sensibilidade na formação do educador”. Nesse contexto, apontamos nesse trabalho as práticas corporais de autoconhecimento como a maneira que o ser humano dispõe para experienciar o caminho ao encontro de si mesmo e dos outros, nesta aventura existencial.

O que caracteriza este tipo de educação transpessoal é a especificidade peculiar na sua formação docente para realizar um trabalho quase terapêutico com seus alunos. Para tanto, o professor educação física necessita tê-lo realizado individualmente, reconhecido e integrado os traumas de sua própria “criança interior”, e ter comprovado em si mesmo como esse passo ou processo marcou sua forma de ser, atuar e relacionar-se. O educador atua em classe partindo de seu auto-conhecimento, auto-descobrimto, auto-conceito, auto-estima, auto-realização e, portanto, do modo como se sente como pessoa.

Na prática a educação deve voltar-se para a capacitação do indivíduo, esperar que ele seja ele mesmo e que se sinta cômodo e seguro quanto puder. A partir dessa segurança e bem-estar, o aluno pode aprender os conteúdos curriculares que lhe interessam em muito menos tempo, com muito menos esforço e de forma muito mais completa, efetiva e duradoura. Buscar o autoconhecimento como indivíduo e como ser humano, dentro de conceitos como “ensinando se aprende” e “aprendendo pode-se ensinar.” Com experiência pessoal é mais fácil estimular e motivar os alunos a fazer o mesmo.

Reconhecer a conexão de cada um consigo próprio como parte de um todo é uma dimensão espiritual do ensino. Pode tornar-se a base de um novo tipo de educação. O professor, partindo desse ponto de vista e criando em classe esse tipo de relação, pode mudar as bases do sistema (VOLI, 1998, 146).

Uma importante medida do autoconhecimento é dada pela análise de nosso diálogo interior. Cada um de nós produz em sua mente uma infinidade de pensamentos, sendo boa parte deles referentes a nós mesmos. Esses pensamentos devem ser refinados com a responsabilidade por nossas relações com os outros. O respeito à liberdade e à singularidade do outro nos permite escutar, compreender, respeitar, ajudar e tratá-lo com a devida consideração.

De acordo com o paradigma proposto para educar de forma efetiva para um mundo melhor, precisa-se de educadores que sejam capazes de se relacionar consigo próprio, aceitando incondicionalmente suas próprias diferenças, limites, possibilidades de crescimento e tenham uma visão essencialmente positiva da vida e das relações humanas.

Na formação dos professores de educação física a importância de conhecermos as limitações e investir nas possibilidades próprias e de nossos alunos, para que eles acreditem nas próprias forças de transformação que habitam seus corações, visto que a natureza do nosso ser é de mutação constante, tendendo da desordem à ordem, num processo dinâmico de evolução, pois conhecer é viver e viver é conhecer. Segundo Le loup (2002,(a) p. 38) “estar atento com misericórdia para com os seres e para com as coisas é

reconhecer-lhes o direito à sua impermanência, além de sua capacidade para evoluir, transformar-se e mudar”.

Da mesma forma, na formação dos professores de educação, vale investir nas suas potencialidades e criar mecanismos para que eles vivenciem o reconhecimento de suas próprias potencialidades e acreditem nelas, como instrumento de promoção de suas capacidades e possibilidades de evoluir.

Profissionais de educação, se não nos educarmos internamente com o domínio dos nossos impulsos e emoções, não podemos nos considerar educados. Para consolidar o conhecimento teórico e confirmar o aprendizado, nossas atitudes precisam ser o reflexo da experiência. Cultivando humildade e disciplina, caminhamos para o autoconhecimento, e então descobriremos que educação não significa apenas aquisição de informação, mas a ampliação dos horizontes da mente e o aperfeiçoamento do caráter. “Fomos educados superficialmente e nossa inteligência não foi orientada para desenvolver as habilidades sutis. Mas com o desenvolvimento de nossa intuição despertaremos para o espírito e ouviremos suas mensagens, esclarece” (MARTINELLI, 1998, p. 36).

Paradoxalmente, talvez um dos pontos mais difíceis de trabalhar nas escolas seja educar para o encontro com o outro e, ao mesmo tempo, essa seria uma das tarefas centrais das escolas, ou seja, educar para a integração com o outro, com o diferente, aprender com a diversidade. Ter o foco das suas investidas no papel social da escola: educar para a socialização, aprender a conviver.

Nesta busca de aspectos de si mesmo no outro, passamos a acreditar que muitas características do outro não nos interessam e não fazem parte de nosso mundo, basta apenas desligarmos a conexão. Porém, estamos sempre interligados, quer queiramos ou não. O Universo conspirou para que ocorresse da forma como foi planejado e as escolas podem favorecer este aprendizado!

D’Ambrosio (1997, p.32) nos convida a refletir sobre a seriedade com que a escola deveria encarar o encontro com o outro, para a promoção de uma sociedade mais sadia:

Na hora em que você encontra o outro e percebe a essencialidade do outro, está dando início a uma sociedade mais sadia. Porque a sociedade não é simplesmente o outro com quem você vai brigar, vai competir, vai disputar. Não! O outro é essencial; senão acaba tudo. E, nesse momento, em que a gente supera esse encontro com o outro, reconhecendo a essencialidade do outro, nós estamos dando um grande passo para a paz social, no encontro com o outro. Isso é um componente para uma ética: reconhecer a essencialidade do outro.

Por tudo isso, verificamos o quanto o encontro com o diferente é essencial, é o ponto de partida para encontrarmos todos os outros diferentes, e sem desenvolvermos a capacidade de trabalhar e aprender com o diferente, a espécie humana se extinguirá. Portanto, prezar a individualidade é necessário nas relações, porém reconhecer que não somos nada sozinhos é sabedoria.

Diversas vezes, em espaços de aprender, nós professores, desconsideramos as experiências de vida de nossos alunos, seu saber produzido na convivência com outros diferentes. Tão diferentes que fica difícil aceitar a possibilidade de que tenhamos algo a aprender com eles. Desta forma, perdemos a oportunidade de aprender muito com eles e de valorizá-los pelo que são e sabem. Todos saem perdendo com essa atitude, pois se aprendemos no encontro, ao descartarmos a forma como nossos alunos vêem o mundo, diminuímos nossos horizontes...

Um educador pode ampliar ou reduzir a leitura que seus alunos têm do mundo; vai depender da sua visão de educação. Paulo Freire (1999, p. 138) exemplifica muito bem

as conseqüências danosas ao processo de aprendizagem da visão distorcida de educação de alguns professores:

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento.(...) saber escutá-lo não significa concordar com ela, a leitura do mundo ou a ela se acomodar, assumindo-a como sua. Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando.

Considerar o valor da socialização nos processos de aprendizagem nos remete a avaliar como se dá a morfogênese do conhecimento a partir da interação. Interagindo com os colegas de classe e com o próprio professor, o educando amplia as possibilidades de elaborar o conhecimento, significa tomar a *leitura de mundo* de todos os envolvidos no processo, professor e alunos, como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade como um dos impulsos da morfogênese do conhecimento.

Portanto, a auto-organização do conhecimento se dá com mais dinamismo e significado quando impulsionada pela relação com os outros, e por isso as dimensões do aprender a ser e do conviver precisam ser cultivadas e aprimoradas nas vivências e experiências do aprender.

Aprender a viver em conjunto significa, antes de qualquer coisa cultivar o respeito pelas normas que regem as relações entre os seres de uma coletividade. Porém, estas normas devem ser realmente compreendidas, negociadas e admitidas interiormente pelo ser individualmente e não percebidas como pressões externas. Porém, não significa apenas tolerar o outro em suas diferenças; nem se curvar diante de seus desejos e preferências; nem separar sua vida interior de sua vida exterior; muito menos fingir ouvir o outro sem mudar em nada suas convicções. Nesse caso, não há integração, há apenas uma tolerância, e isso não promove o crescimento e a evolução da consciência, da ética e da solidariedade.

A atitude transdisciplinar pode ser aprendida, segundo Nicolescu (1999, p.145). Porém, ela é inata, na medida em que dentro de cada ser há atitude transdisciplinar, intangível, que ao validar as experiências interiores de cada ser na direção de cumprir as normas estabelecidas, essas serão respeitadas. Conforme o autor:

Há aí um aspecto capital da evolução transdisciplinar na educação: *reconhecer-se a si mesmo na face do Outro*. Trata-se de um aprendizado permanente, que deve começar na mais tenra infância e continuar ao longo da vida. A atitude transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional nos permitirá assim aprofundar melhor nossa própria cultura, defender melhor nossos interesses nacionais, respeitar melhor nossas próprias convicções religiosas ou políticas. A unidade aberta e a pluralidade complexa, como em todos os outros domínios da Natureza e do conhecimento, não são antagônicas.

Sugerimos que o ambiente de aprender, seja prazeroso, integrativo a consideração e a valorização das diferenças dos aprendentes, com todas as riquezas que o diferente pode proporcionar ao grupo. A partir da assimilação das dores e alegrias do outro e do seu valor, a cooperação e a solidariedade revelam-se nos espaços de aprender.

Por serem aceitas no grupo, as pessoas tornam-se mais alegres, mais saudáveis também, e estaremos mais perto da esperada paz individual e coletiva. Existe uma identificação com o bem estar do outro. Como nos afirma Fialho (2001, p. 197) “é preciso que o processo educativo não transmita certezas, seja agradável e significativo, privilegie a expressão e a comunicação de todos os participantes, promova o encontro, a convivência e a cooperação.” O que desejamos para nós, passa a ser desejado para o outro também, porque estamos interagindo com o coração. Acontece, então, a evolução de uma consciência de responsabilidade pela vida individual, coletiva e da natureza.

Um dos requisitos básicos da prática do aprender a conviver nos resgata a necessidade urgente de trabalharmos as emoções de nossos educandos. Aqui nos remetemos a Incontri (1997, p. 97), quando nos alerta, “a formação integral do homem, que permite o pleno desabrochar de todas as suas potencialidades como queria Pestalozzi depende em primeiro lugar da capacidade de amor dos educadores e do grau de lucidez desse amor.” Isso nos leva a um ponto crucial na educação: a amorosidade. Com a amorosidade, vem o despertar do *saber cuidar*, defendido por Leonardo Boff (1999) como essencialidade do fenômeno social:

O amor é o fundamento do fenômeno social e não uma consequência dele. Em outras palavras, é o amor que dá origem à sociedade; a sociedade existe porque existe o amor e não o contrário, como convencionalmente se acredita. Se falta o amor (o fundamento) destrói-se o social. Se, não obstante, o social persistir, ganha a forma de agregação forçada, de dominação e de violência de uns contra os outros, coagidos a encaixar-se. Por isso sempre que se destrói o encaixe e a congruência entre os seres, destrói-se o amor e, com isso, a sociabilidade. O amor é sempre uma abertura ao outro e uma com-vivência e co-munhão com o outro.

Ao refletirmos sobre a importância do outro, nos deparamos com a afirmativa de que quando você ajuda os outros, está ajudando a si mesmo. Visto desta perspectiva, ajudar os outros – não ser egoísta – é a mais egoísta de todas as atividades, pois é o que nos ajuda a nos libertar da solidão, do isolamento e do sofrimento. Compaixão, altruísmo e serviço são partes de quase todas as tradições religiosas e espirituais. Estarmos conectados a nós mesmos para então nos conectarmos ao outro é passo fundamental para promover a intimidade entre as pessoas. Daí descobrimos que a verdadeira liberdade está em escolher a interdependência, e não a escolha falsa entre dependência e independência.

Nas palavras de Paulo Freire, o encontro com o diferente pode nos favorecer o pensar certo, ver com acuidade, ouvir com respeito e recusar posições dogmáticas. Atitude de quem não se sente dono da verdade nem objeto acomodado do discurso alheio que lhe é autoritariamente feito, mas:

atitude correta de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e a discordar. Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil (FREIRE, 1999, p. 151).

O corpo é a expressão de quem verdadeiramente somos nos diversos estágios evolutivos. Quanto mais desconhecemos o corpo, mais desconhecemos quem nós somos. Estamos num corpo pouco dominado, mal conhecido e deformado. Quanto mais tivermos zonas imóveis e rígidas, menos vivos nos sentiremos e os problemas, as dores e as deformações surgem. Nosso corpo somos nós. Por isso, “tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro, pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas a sua unidade” (BERTHERAT, 1976, p. 35).

As lesões, os disfuncionamentos, as doenças podem ser consideradas sinais de advertências que o corpo transmite quando o homem não está cuidando de si mesmo como deveria. Os bloqueios energéticos ou emocionais das pessoas contidos nos músculos podem ser percebidos nas posturas, nos movimentos e estão intimamente relacionados com as dificuldades de relacionamento consigo mesmo, com o outro e com o grupo. Está em nossas mãos libertar o corpo à sua sensibilidade, força, leveza e a capacidade de responder às energias espirituais.

A educação para o encontro com o outro, está relacionado com o pensar, sentir, e agir, que nos dimensionam como pessoas. A primeira liberdade é a de permiti-se sentir e, partindo dela, galgamos as outras, ou seja, sentir-se livre para pensar e agir. Sentir é o mais profundo e próximo ao si mesmo, qualquer distúrbio nessa área acarretará outros no pensar e agir.

O poder de sentir é mais difícil de compreender, o que vai muito além da emoção e da sensação. Vivemos numa sociedade em que as pessoas acham cada vez mais difícil demonstrar o mínimo de afeto aos outros. Em vez da noção de comunidade e da sensação de fazer parte de um grupo, encontramos um alto grau de solidão e perda dos laços afetivos. Viver é entrar em relação conosco e com outro, atualizando estas relações, nos sentiremos vivos. Conviver é uma arte cujas nuances aprendemos durante a vida, e em cada nova aprendizagem custa-nos certos sacrifícios. Conviver significa viver compartilhando tempo e espaço com outros. “Compartilhar implica problemas, porque sendo diferente uns dos outros, temos limites espaciais e temporais diversos” (DESIDERIO, 1980, p.51).

A capacidade de aceitação do outro está intimamente relacionada com a capacidade de aceitação de si mesmo. O outro toma dimensões diferentes à medida que nosso contato com nós mesmos se torna efetivo, nossas ligações pessoais tornam-se mais profundas, menos rígidas e menos sujeitas a grandes flutuações.

REFERÊNCIAS

BERTHERAT, Thérèse. **O corpo tem suas razões:** antiginástica e consciência de si. 8. ed. Tradução Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

BOFF, Leonardo. **A voz do arco-iris.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **A águia e a galinha:** uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Espiritualidade:** um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. **O tempo de transcendência o ser humano como um projeto infinito.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

D'AMBROSIO, U. **A era da consciência.** São Paulo: Fundação Peirópolis, 1997.

D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.

ESIDERIO, Fiorangela, **O reencontro: análise das relações do indivíduo consigo mesmo com os outros.** São Paulo: Cortez, 1980.

FIALHO, F. A.P. **A eterna busca de Deus.** Sobradinho: EDICEL, 1993.

_____. **Ciências da cognição.** Florianópolis: Insular, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

INCONTRI, Dora. Pestalozzi: **educação e ética.** São Paulo: Scipione, 1997.

LELOUP, Jean Yves. **Amar... apesar de tudo.** Encontro com Marie de Solenne. Tradução: Guilherme José de Freitas Teixeira. Campinas, São Paulo: Verus, 2002.

LELOUP, Jean Yves.. **A arte da atenção.** Trad. Guilherme J. Teixeira. Campinas: Verus, 2002.

MARTINELLI, M. Ser é ensinar. In: **Ética, valores humanos e transformação.**(Série Temas Transversais-V-1). São Paulo: Peirópolis, 1998.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física: desenvolvendo competências.** 2. ed. São Paulo: Phort, 2006.

NICOLESCU, Basarab. **Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso.** In: SOMMERMAN, A. MELLO, M. F. e BARROS, V. M. (Orgs.). **Educação e transdisciplinaridade II.** São Paulo: Triom, 2002.

_____. **O manifesto da transdisciplinaridade.** Tradução Lucia P. de Souza. 2. ed. São Paulo: TRIOM, 2001.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo sujeito.** 2ed. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

VOLI, Franco. **A Auto-estima do professor.** Tradução Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola, 1998.

WEIL, Pierre. **Lágrimas de compaixão e a revolução silenciosa continua** !São Paulo : Pensamento, 1999.

EDMILSON PINTO DE ALBUQUERQUE

E-mail: epa@ufrnet.br

Rua das Verbenas 79, Mirassol, CEP: 59078090

Fones: (84) 99811124 (84) 32345865